

EPILINGUISMO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DE SUA CONCEITUALIZAÇÃO EM ANTOINE CULIOLI E CARLOS FRANCHI

Márcia Romero¹

marcia.romero@unifesp.br

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o conceito de epilinguismo, analisando, de um lado, o modo como este se apresenta para Antoine Culioli na Teoria das Operações Enunciativas, de outro, o emprego que dele é feito por Carlos Franchi em seu célebre artigo intitulado “Linguagem – atividade constitutiva” (2002 [1977]), em que se observam referências ao próprio programa de pesquisa culioliano. Tomando como ponto de partida para análise as discussões entre Antoine Culioli e Claudine Normand sobre a epistemologia culioliana retratadas na obra *Onze rencontres sur le langage et les langues* (2005), procuramos mostrar como o conceito de epilinguismo, atividade interna não consciente que representa a própria atividade de linguagem para Antoine Culioli, manifesta-se no artigo de Franchi e seria por ele concebido.

PALAVRAS-CHAVE: teoria das operações enunciativas; epilinguismo.

INTRODUÇÃO

A origem do conceito de epilinguismo é atribuída por Sylvain Auroux (1989) ao linguista francês Antoine Culioli, cujo programa de pesquisa é conhecido no Brasil por *Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas* ou, simplesmente, *Teoria das Operações Enunciativas*.

Em *Pour une linguistique de l'énonciation*, coletânea em três tomos² de artigos nos quais este programa de pesquisa, iniciado na década de 60, foi pouco a pouco tomando corpo, o termo “epilinguístico” aparece raramente de forma literal: apenas três ocorrências são observadas, uma em que apenas se menciona o termo e duas em que o autor trata efetivamente da definição que lhe atribui.

¹ Docente da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Deixo um agradecimento especial a Jean-Jacques Franckel e a Andressa C. C. Barboza pelas reflexões que me conduziram a este texto.

² Ver Culioli (1990). *Pour une linguistique de l'énonciation*. Opérations et représentations. Tomo 1. Paris: Ophrys; Culioli (1999). *Pour une linguistique de l'énonciation*. Formalisation et opérations de repérage. Tomo 2. Paris: Ophrys; Culioli (1999). *Pour une linguistique de l'énonciation*. Domaine notionnel. Tomo 3. Paris: Ophrys. Ressalte-se que esta coletânea contém artigos originalmente publicados em outras fontes.

Em uma publicação recente, intitulada *Onze rencontres sur le langage et les langues* (2005), obra na qual Claudine Normand e Antoine Culioli confrontam-se, em encontros regulares, para discorrer sobre a epistemologia culioliana, o conceito de epilinguismo, no entanto, é esmiuçado, visto ser a preocupação primeira de Culioli, como ele próprio observa no posfácio, não ser a de convencer, mas a de se forçar a tornar acessível o que lhe parecia, muitas vezes, natural: “que estas entrevistas sejam uma verdadeira confrontação, sem outro princípio que não seja nosso esforço comum para esclarecer [...] o que se revelava opaco ou demasiadamente incerto...”³ (Culioli; Normand, 2005: 287).

É, portanto, nestes confrontos e discussões que nos fundamentamos para refletir sobre este conceito. Como continuidade dessa discussão inicial, tecemos algumas observações sobre o emprego desse conceito em Carlos Franchi a partir de considerações feitas pelo autor em “Linguagem – atividade constitutiva”, texto publicado originalmente em 1977 e que acreditamos ser uma das primeiras referências, no Brasil, ao programa de pesquisa culioliano.

1. DA CONCEITUALIZAÇÃO EM ANTOINE CULIOLI

Logo no primeiro encontro com Claudine Normand, Culioli traz um exemplo interessante que nos permite iniciar a discussão. Ele refere-se aos gestos que uma criança ou um adulto fazem, quando, por exemplo, uma criança pega uma vasilha para colocá-la em sua cabeça como se fosse um chapéu e um adulto junta as mãos em forma de concha para beber água em um bebedouro ou fonte. Em tais gestos, percebe-se a operação de uma racionalidade, o que Culioli denomina uma “nova racionalidade”, “nova” no sentido de algo que recupera uma racionalidade anteriormente existente. Explica, assim, o linguista que “nova racionalidade é uma maneira de conduzir os pensamentos que busca uma certa coerência e que não passa pela linguagem” (Culioli; Normand, 2005: 22), acrescentando, em nota, especificar esta racionalidade como “silenciosa”.

Ao ser indagado por Claudine Normand sobre o nível de funcionamento em que se encontra esta racionalidade, apreendido por ela como mental, mas que nem por isso deixaria de estar relacionado ao corpo e aos gestos, Culioli não apenas concorda com a colocação feita, mas afirma se tratar de “formas”, de um “raciocínio” que não passa necessariamente pela verbalização.

³ As traduções são de nossa inteira responsabilidade. Quando não o são, indicamos o nome do tradutor em nota.

A compreensão da atividade de linguagem esbarra justamente nesta questão, que é dar conta de uma racionalidade que, embora não passe pelo dizível – uma racionalidade “inacessível”, portanto –, tem como ser apreendida por meio das línguas, desde que se considerem as reduções que necessariamente ocorrerão.

A atividade epilinguística consiste, assim, nessa “racionalidade silenciosa”, que não é em absoluto a racionalidade da comunicação, como observamos, bem mais adiante, em uma passagem em que Culioli afirma aceitar perfeitamente a racionalidade “organizada com o propósito da comunicação” (idem, p.203) por ser “preciso que tenhamos uma estabilidade linear de tal modo que se possam efetuar trocas, comunicar” (idem, p.203). Como ressalta inúmeras vezes o linguista, “essa estabilidade é extremamente interessante, porque, justamente, é preciso ao mesmo tempo ir além dela e explicar porque ela se constitui como se constitui, de modo a ser eficaz” (idem, p.203).

Esta estabilidade da produção verbal caracteriza o que Culioli denomina nível das representações linguísticas, nível dos enunciados ou textos. Manifestando-se sob uma ordem aparente, o nível linguístico oculta necessariamente o “caos epilinguístico” (idem, p.97), “uma atividade permanente da qual não temos consciência e que nos fornece representações que se entrecruzam, se entrechocam, etc.” (idem, p.111) no nível linguístico, uma atividade permanente que projeta caminhos possíveis a serem estabilizados. O epilinguístico, nas palavras de Claudine Normand, é o modo encontrado por Culioli para explicar porque “há língua e de que maneira ela funciona” (idem, p.111).

A origem do termo, segundo o linguista, apoia-se em três fontes: a primeira é proveniente de seu próprio incômodo de não poder designar esse raciocínio silencioso; a segunda, de F. Bresson, especialista em psicologia cognitiva, que, ao perceber do que se tratava, lhe sugeriu o termo; e a terceira, de suas leituras a respeito de epigênese e de caminhos estabilizados entre os caminhos possíveis⁴. Na sua opinião, cada um de nós traça caminhos no nível mental, em uma espécie de conexão⁵ – de certo modo aleatória porque imprevisível – que não é qualquer.

O epilinguístico, atividade interna não consciente, pode ser representado por meio de uma forma – a forma da atividade de linguagem –, uma forma que sustenta as formas linguísticas, os enunciados, os textos, uma forma apreendida em termos de esquemas de operação; o epilinguístico é como:

⁴ No original, Culioli fala de “chréodes”, que representam os caminhos estabilizados entre os caminhos possíveis (idem, p.112).

⁵ Ainda no original, Culioli emprega o termo “câblage”, que evoca tanto “estabelecer todas as conexões possíveis” quanto “transmitir uma mensagem por cabo” (idem, p.112).

[...] uma anamorfose permanente que age de tal maneira que, em um dado momento, para uma dada língua, haverá decisões, isto é, **trajetos**, escolhas necessárias e, neste momento, você está no **linguístico**. E se, como linguista, você refletir explicitamente colocando-se em uma posição exterior, você cai no **metalinguístico**, o que faz com que naturalmente o metalinguístico esteja, em alguns casos, na língua – a metalinguagem está na língua – mas, por outro lado, tenha um custo, tenha sempre uma redução, se empregarmos metalinguístico no sentido estrito (idem, p.110) [*grifos do autor*].

Postular uma forma da atividade de linguagem não significa, contudo, que exista uma idéia com um “I maiúsculo” (idem, p.41). Daí a complexidade de apreendê-la, visto se tratar, ainda na opinião de Culioli, de um jogo de relações, de algo constituído intrinsecamente de relações sem materialidade que permite construir objetos perceptíveis quando há verbalização. De uma atividade interna, passa-se sempre a uma atividade externa, linear, que se torna pública, *i.e.*, que vem à tona sem que essa exteriorização corresponda efetivamente à atividade interna que se manifesta.

Essa colocação recupera o fato de ser esta racionalidade inacessível: por trás de toda exteriorização, existem operações que se fazem sempre presentes e que nela deixam vestígios. O metalinguístico corresponde a uma tentativa de formalizar o que é, por natureza, não formulável, inacessível.

Como bem assinala Normand, a distinção feita por Culioli entre o epilinguístico e o metalinguístico – e retomada por outros autores de um modo nem sempre muito claro – é fundamental, marcando a diferença entre “a racionalidade do linguista” e a “racionalidade do locutor” (idem, p.72-73), entre a racionalidade a ser explicitada pelo linguista – uma racionalidade “tagarela”, nas palavras de Culioli (idem, p.48) – e a racionalidade silenciosa. Percebe-se, assim, que o raciocínio metalinguístico consiste em uma “representação-simulação” (idem, p.193) do que se passa na fonte, aquém da superfície linear exteriorizada, e que ocorre simultaneamente a essa exteriorização.

Essa simultaneidade poderia ser apreendida pelo termo “sintoma”, empregado por Claudine Normand (idem, p.193) para especificar os vestígios ou os rastros que se depreendem dessa racionalidade silenciosa no nível linguístico⁶, nos enunciados da língua. Esses vestígios são, assim, ainda nas bonitas palavras de Normand:

⁶ Culioli emprega o termo “trace”, como “la trace que laisse l’animal” (idem, p.193). Normand, embora não se sinta completamente à vontade com o termo “sintoma”, observa que o termo “trace” marca uma descoberta de algo que já se deu (“... o rastro do animal, nós o descobrimos uma vez que ele passou”, idem, p.193) e não de algo que, buscado pelo linguista, se dá ao mesmo tempo. Daí seu incômodo em relação a esse termo, comumente empregado nos trabalhos de natureza culioliana.

a face sensível do que se passa em outro lugar, nesta zona intermediária do epilinguístico, domínio informulável em que se misturam pensamentos, afetos, produção e reconhecimento de formas... formas imateriais, mas sensíveis, isto é, [domínio] de toda esta atividade que resiste à estabilização, uma estabilização entretanto necessária à comunicação... (idem, p.193-194)⁷.

À noção de vestígios ou de rastros – de “trace”, em francês – associa-se uma opacidade intrínseca porque eles jamais explicitam nada. Por ser a preocupação maior da abordagem culioliana a de ir além da estrutura visível, reconstruindo as operações cognitivas das quais os enunciados são os rastros, há a necessidade de, a partir desses rastros, mostrar como a linguagem funciona por meio de “glosas”, um tipo particular de reformulação, não assimilável a uma definição, nem a uma retomada com o propósito de melhor esclarecer algo anteriormente dito.

Se a glosa é concebida por Culioli como uma “explicação de texto” (idem, p.106), essa explicação adquire um estatuto particular ao consistir em “um processo de usura da linguagem por si mesma”, palavras estas de Jean-Jacques Franckel (2002) em artigo cuja finalidade é apresentar a glosa como fundamento para uma metodologia da reformulação. Como assinala o autor, observa-se um procedimento que supõe necessariamente um trabalho de abstração:

Podemos considerar a glosa de um enunciado como proveniente de um nível intermediário no vai-e-vém entre o empírico e o formal. Essa abstração não impede sua ancoragem na interpretação empírica do enunciado que ela formula, mas, ao permitir escapar à evidência ofuscante da compreensão imediata, ela visa a estabelecer uma desintração do papel desempenhado na construção do sentido desse enunciado pelas unidades que o constituem (Franckel, 2002: 70)⁸.

A glosa constroi-se ao tentar tornar consciente um “saber inconsciente” – a “racionalidade silenciosa” – e tal tentativa passa, de um lado, por comentários, por explicações e percepções a respeito do papel desempenhado pela unidade linguística que se

⁷ Em Paillard (2006: 174-175), o autor comenta justamente essa fala de Normand. Deixamos em francês, na tradução feita por nós, o termo “trace” na passagem ora transcrita: “Em *Onze rencontres*, Claudine Normand volta várias vezes ao termo “traces”, que julga metafórico, considerando-o a priori como um sinônimo infeliz de “marcadores de operações”. Isso conduz Antoine Culioli a precisar, por meio de reformulações sucessivas, o que a noção de “traces” recobre para ele. “Traces” remete a algo na fonte, ao mesmo tempo presente e inacessível: “você tem algo que permanece mas que foi produzido”, há “uma relação entre o que está lá (visível) e o que não está mais lá, mas que de um modo esteve lá” (idem, p.199). E ele multiplica as referências às situações (inquérito policial, caça) nas quais “les traces” são um elemento essencial na (re)construção do que recobre uma presença/ausência significativa. Paradoxalmente, é finalmente Claudine Normand que propõe a formulação mais esclarecedora quando diz: “trace é a face sensível do que se passa em outro lugar, nesta zona intermediária do epilinguístico, domínio informulável em que se misturam pensamentos, afetos, produção e reconhecimento de formas [...], formas imateriais, mas sensíveis, isto é, [domínio] de toda esta atividade que resiste à estabilização, uma estabilização entretanto necessária à comunicação... (Culioli; Normand, 2005: 193-194)”.

⁸ Tradução de Milenne Biasotto-Holmos.

quer analisar nas interações que dela decorrem, de outro, por uma formalização desse papel por meio de uma metalinguagem. Isso confere, segundo Culioli, um duplo estatuto à glosa: “há o epi– e isso fornece o que eu, linguista, chamo de *glosa*; e, em seguida, ... eu aprisiono a glosa...” (Culioli, Normand, 2005: 187). Em suma, trata-se sempre de um procedimento que se desdobra: a glosa “busca fazer proliferar os fenômenos” (idem, p.234) por meio de procedimentos experimentais, manipulações, o que, por sua vez, dá origem a uma representação metalinguística (o “aprisionamento da glosa”) que diz, por meio de relações, o modo como a linguagem funciona.

Por fim, o epilinguístico integra-se à própria atividade de linguagem, uma forma das formas da qual nos apropriamos, o que faz com que este conceito manifeste necessariamente “um aspecto diacrônico”, o que não podia deixar de ser, já que “somos todos diacrônicos; nós representamos algumas centenas de milhares de anos”⁹ (resposta de Culioli a Normand...).

2. DAS REFLEXÕES EM CARLOS FRANCHI

Em “Linguagem – atividade constitutiva” (2002 [1977]), Carlos Franchi faz referência a um dos poucos artigos de Antoine Culioli no qual o termo “epilinguístico” se faz presente explicitamente, a saber, “La formalisation en linguistique”. Este artigo, publicado originalmente em 1968, faz parte da coletânea *Pour une linguistique de l'énonciation* (1999, Tomo 2), e responde a uma das três ocorrências verificadas no conjunto dos textos que a compõem.

Não nos cabe aqui refletir em profundidade sobre as teses desenvolvidas por Carlos Franchi e que envolvem o conceito de linguagem como atividade constitutiva tal como ela se delinea neste artigo¹⁰, ele mesmo fruto de “exercícios da introdução de uma tese de doutoramento”, como explica o autor (Franchi, 2002 [1977]: 37). Nosso objetivo é bem modesto, consistindo apenas em apontar algumas considerações nele evidenciadas – sobretudo a partir da segunda seção – que nos permitem uma aproximação entre as reflexões de Franchi e as de Culioli.

Ressaltando ser preciso ir além de uma concepção para a qual a linguagem se vê reduzida a um papel de ferramenta social, a “limitar-se pela observação de sua face exterior,

⁹ Resposta de Culioli à indagação de Claudine Normand: “Mas, finalmente, há também todo um aspecto diacrônico no seu epilinguístico?” (idem, p.111)

¹⁰ Rodolfo Ilari, em artigo publicado em 2003, intitulado “Linguagem – atividade constitutiva (idéias e leituras de um aprendiz), observa que uma tal reflexão demanda um trabalho cuidadoso sobre os próprios escritos deixados por Carlos Franchi.

puramente instrumental” (idem, p.57), Franchi coloca justamente a necessidade de se aproximar de sua “forma interna” (idem, p.72) para reencontrar “a linguagem na universalidade de seu processo” (idem, p.72).

A esse respeito, cabe retomar uma importante passagem do texto, na qual se verifica a primeira das referências ao artigo de Antoine Culioli:

[...] a atividade linguística, além de envolver a realização de funções sociais exteriores, em que a linguagem aparece como possibilitando tarefas de ocasião, realiza-se em uma multiplicidade de operações (em sentido intuitivo) subjacentes, interiores ao sujeito, *de que a configuração superficial das expressões é traço revelador*. Não se reduz, assim, essa atividade ao ato mesmo de enunciar, em que se utiliza o sistema linguístico para a articulação de inúmeros discursos possíveis, carregando um sentido responsável pelos seus efeitos. Como observa bem Culioli (1970: 3)¹¹ “a atividade linguística é significante: é porque existem, na comunicação, operações nos seus dois pólos que os enunciados ganham sentido (operações complexas, pois todo emissor é ao mesmo tempo receptor e vice-versa). Mas não se pode afirmar que as palavras têm um sentido sem ser levado a uma concepção instrumental da linguagem, concebida como um instrumento cuja finalidade explícita seria a comunicação dos sujeitos universais que, como se sabe, participam juntos do ‘bom senso’. Ora, pode-se mostrar que a linguagem não é exterior, somente, ao sujeito, mas está em uma relação complexa de exterioridade-interioridade”¹² (Franchi, 2002 [1977]: 59, *grifos nossos*).

Várias são as reflexões às quais esta passagem conduz. Em primeiro lugar, ao fato de que, para compreender a linguagem, não se deve pautar em uma descrição pura e simples de enunciados apreendidos como atos de discurso decorrentes de um sujeito que utilizaria um sistema linguístico tido como dado.

Assim, ao refutar a redução da linguagem ao ato mesmo de enunciar, Franchi refuta necessariamente uma concepção de enunciação para a qual se postula uma língua que, intrinsecamente dotada de sentidos, produziria efeitos semânticos variados conforme sua utilização por parte de um sujeito. O trecho de Culioli mencionado por Franchi, em que se vincula a uma concepção instrumental da linguagem a afirmação de que as palavras têm sentido, como também se verifica um posicionamento contra uma linguagem concebida exclusivamente como exterior ao sujeito, só faz confirmar esse conjunto de recusas.

Em segundo lugar, ao postular que a configuração superficial das expressões linguísticas consiste em um traço¹³ revelador de “operações (em sentido intuitivo) subjacentes”, Franchi aproxima-se da concepção de enunciação culioliana para a qual os enunciados são apreendidos em sua materialidade formal, *i.e.* um arranjo não qualquer de

¹¹ Há, aqui, um equívoco em relação à data de publicação, visto esta passagem constar do artigo de 1968, artigo, por sua vez, referenciado corretamente na bibliografia fornecida por Carlos Franchi.

¹² Tradução de Culioli feita por Franchi.

¹³ Não seria este termo, afinal, uma tradução do termo “trace”?

marcadores linguísticos¹⁴ que traz o rastro de sua gênese constitutiva. Encontramos em Sarah de Vogüé (1992) uma explicação bastante clara dessas duas concepções de enunciação:

há duas maneiras de se conceber a enunciação: de um lado, tematiza-se o modo como um sujeito se enuncia; de outro, o modo como um enunciado se enuncia (pelo qual tem a forma que tem). O que está em jogo nessa distinção é importante: se apreendida como um ato ou como um processo de constituição de um objeto (o enunciado), a hipótese a respeito da enunciação não procede do mesmo movimento epistemológico. Em um caso, a análise tem por objeto o sujeito se enunciando (para estudar o modo como ele se enuncia), e o enunciado é entendido como o produto desta enunciação do sujeito. No outro, o objeto é o enunciado em sua materialidade formal: um arranjo de marcadores que se vê ordenando um certo efeito significativo. Um certo número de argumentos empíricos provam que este objeto não codifica um sentido que lhe seria pré-existente, mas que sentido e forma são construídos correlativamente. É preciso então fazer a hipótese de um processo de construção do qual o enunciado seria o resultado: é aqui que intervém o conceito culioliano de enunciação (De Vogüé, 1992: 80-81).

Mais adiante, antes de citar novamente Culioli, Franchi afirma que a linguagem não é “um dado ou resultado” (2002 [1977]: 65) e que, se um possível quadro estável é observado, este é devido a recortes metodológicos que assim o delinearão. A crítica à concepção de gramática universal surge na seguinte passagem:

Pode-se pensar que um esquema recursivo de engendramento de expressões, a partir de um conjunto imanente e definitivo de categorias gramaticais (supostas universais) dê conta da multiplicidade dos recursos disponíveis. Mas nele se incorporam já os resultados de uma prática anterior como um universo constituído e determinado” (idem, p.66-67).

Nota-se nesta crítica, uma vez mais, uma postura semelhante a de Culioli, que, ao refutar a existência de categorias gramaticais gerais passíveis de serem realizadas pelas diferentes línguas de modo particular, refuta, conseqüentemente, toda categoria universal estabelecida a priori, *i.e.* de modo independente da materialidade linguística de cada língua. Se, no referencial culioliano, existem propriedades referentes à atividade de linguagem que são consideradas gerais, estas são construídas a partir da análise e manipulação de cada língua, em um trabalho minucioso que incide sobre a sua especificidade própria. Isso retoma o procedimento de formalização descrito na seção anterior, em que se faz uso de glosas para se chegar a uma metalinguagem oriunda da língua em si.

¹⁴ Duas observações devem ser feitas sobre o termo “marcador”: a primeira refere-se a sua escolha, cujo intuito foi, nas palavras de Culioli, o de “evitar toda ambigüidade que se produz com o termo ‘marca’ (1985: 16), em outras palavras, o de assinalar que não existem “entidades imperceptíveis”; a segunda, a sua abrangência, visto ele corresponder não só a unidades ditas lexicais, mas, de modo mais amplo, a uma “mudança na prosódia, na entonação, a uma partícula, um morfema qualquer ou um conjunto de morfemas” (idem). No Brasil, no entanto, os trabalhos fundamentados no referencial teórico culioliano empregam ora ‘marca’ ora ‘marcador’.

Chega-se aqui à afirmação na qual Franchi, remetendo a Humboldt¹⁵, diz ser a linguagem um processo, “cuja forma é persistente, mas cujo escopo e modalidades do produto são completamente indeterminados; em outros termos, a linguagem em um dos seus aspectos fundamentais é um meio de revisão de categorias e criação de novas estruturas” (idem, p.66).

A apresentação dessa forma – que corresponde à atividade criadora e constitutiva da linguagem – conduz à segunda referência ao artigo de Culioli em seu texto:

a atividade linguística supõe ela mesma esse retorno sobre si mesma, uma progressiva atividade epilinguística: como “atividade metalinguística inconsciente” (Culioli 1968), de modo a estabelecer uma relação entre os esquemas de ação verbal interiorizados pelo sujeito e sua realização em cada ato do discurso; como atividade seletiva e consciente, na medida em que reflete sobre o processo mesmo de organização e estruturação verbal... (idem, p.66)

Acreditamos que Franchi, ao representar a atividade linguística como o que supõe um retorno sobre si mesma, concebe o nível linguístico como algo que, da passagem de uma realização em discurso à outra – ou, da passagem de uma forma estabilizada em discurso à outra –, reflete a atividade epilinguística, o que demonstra uma apreensão coerente do conceito culioliano.

Isso pode ser entendido pelas observações que seguem a definição da atividade epilinguística, “atividade metalinguística inconsciente”, em que se aponta, em primeiro lugar, para o que estabelece “uma relação entre os esquemas de ação verbal interiorizados pelo sujeito e sua realização em cada ato do discurso”, colocação que diz existir, no fundamento de cada ato de discurso, esta atividade inconsciente; em segundo lugar, para o que “reflete sobre o processo mesmo de organização e estruturação verbal”, colocação, por sua vez, em que se evidenciam as escolhas necessárias que, a cada momento, determinam o visível – as formas linguísticas, portanto.

Resta, no entanto, que a colocação “como atividade seletiva e consciente” poderia dar margem a dúvidas: como entender “seletiva e consciente” e, particularmente, “consciente” se

¹⁵ Cabe ressaltar que Franchi destaca, em uma longa passagem de seu texto, o conceito de “forma interna” de Humboldt (1974 [1936]. *Introduction à l’Oeuvre sur le Kavi*. Paris: Seuil), como se observa no trecho: “... Ora, as citações deveriam incluir a advertência de Humboldt que claramente distingue a forma da linguagem – enquanto atividade criadora – da forma, da morfologia, superficial: ‘o fator que a articulação acrescenta à simples evocação do sentido ... é que ele representa as palavras não pela mediação de sua morfologia, mas pela forma como parte de todo infinito da linguagem’ (HUMBOLDT, 1936, p.196). E em passagem mais clara: ‘A distinção que se faz entre gramática e dicionário é útil somente para o aprendizado das línguas’, pois a ‘noção de forma da linguagem não se reduz às regras da sintaxe e mesmo transcende às regras de formação das palavras’ (ib:186). A ‘forma da língua não se pode reduzir ao que se chama de forma gramatical’ (ib.)” (Franchi, 2002 [1977]: 63)

remetermos à “atividade epilingüística”, que foi definida, um pouco antes, como “atividade inconsciente”?

Na nossa opinião, não há aqui nenhuma contradição. Se, por um lado, o termo “seletiva” – em uma dupla leitura – só faz confirmar que uma determinada estabilização no nível linguístico implica “uma seleção” entre caminhos que “não são quaisquer”, por outro, o termo “consciente”, ao ser visto como o que envolve decisões e raciocínio, intensifica o processo de tomada de decisões que resulta no linguístico – o que não significa que este mesmo processo seja consciente do ponto de vista de um sujeito.

CONCLUSÃO

Percebe-se, no momento ora analisado da trajetória de Carlos Franchi, um verdadeiro interesse pela construção de uma “Teoria da Linguagem”, de uma teoria que dê conta “da ‘forma’ dessa atividade, ou das propriedades desse processo ‘em constituindo’ que não se institui nos constituídos” (Franchi, 2002 [1977]: 70), propósito maior, acrescente, de Antoine Culioli.

Por fim, Carlos Franchi, na época, já apontava a existência de “hipóteses e instrumentos formais viáveis para tentar uma aproximação da ‘forma interna’ da linguagem¹⁶” (Franchi, 2002 [1977]: 72), condição absolutamente necessária para superar, ainda em suas palavras:

a dicotomia som-sentido, estrutura semântica-estrutura sintática, apagada na consideração da atividade que a constitui; para reencontrar a linguagem na universalidade de seu processo, que explica essas construções circunstancialmente estáveis que se descobrem nas línguas naturais e no seu exercício, sem esquecer que o seu dinamismo é a garantia (feliz) da provisoriedade de todos os sistemas (idem, p.72).

O epilingüístico, no programa de pesquisa elaborado por Antoine Culioli, traz uma resposta para a superação dessas dicotomias, consistindo, ao mesmo tempo, em *princípio* e *instrumento* que permitem apreender como a linguagem funciona.

¹⁶ Franchi menciona, aliás, ainda que brevemente, alguns estudos nos quais se verifica esta preocupação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AUROUX, Sylvain. (Org.) *Histoire des idées linguistiques vol. 1*. Bruxelles: Pierre Mardaga. 1989.
2. CULIOLI, Antoine. *Notes du séminaire de DEA (1983-1984)*. Paris: DRL-Paris VII, 1985.
3. CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 1. Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990.
4. CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 2. Formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999.
5. CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation tome 3. Domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999.
6. CULIOLI, Antoine; NORMAND, Claudine. *Onze rencontres sur le langage et les langues*. Paris: Ophrys. 2005.
7. DE VOGÜÉ, Sarah. Culioli après Benveniste: énonciation, langage, intégration. *LINX*, v. 26, Paris: Université de Paris X, 1992.
8. FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. *Revista do GEL*. Número especial. 50º Seminário em memória de Carlos Franchi (1932-2001). São Paulo: Contexto, 2002 [1977].
9. FRANCKEL, Jean-Jacques. De l'interprétation à la glose: vers une méthodologie de la reformulation. In. *Atos do Colóquio D'une langue à l'autre*. LEBAUD, Daniel (éd.), Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2002.
10. ILARI, Rodolfo. Linguagem – atividade constitutiva (idéias e leituras de um aprendiz). *Revista Letras*. nº 61, especial, Curitiba: Editora UFPR, 2003.
11. PAILLARD, Denis. De la reconnaissance. In. DUCARD, Dominique; NORMAND, Claudine (Orgs.) *Antoine Culioli: un homme dans le langage*. Paris: Ophrys, 2006.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the concept of epilinguistic knowledge, based both on Antoine Culioli's Theory of Enunciative Operations, and on its use in Carlos Franchi's *Language as a constitutive activity* (1977), which includes explicit references to Culioli's research program. By analyzing the discussion between Antoine Culioli and Claudine Normande on culiolian epistemology, in *Onze rencontres sur le langage et les langues* (2005), we try to demonstrate how the concept of epilinguistic knowledge, unconscious intrinsic activity which, for Culioli, represents language activity itself, is perceived and described by Franchi in his article.

KEYWORDS: theory of enunciative operations; epilinguistic knowledge.

Recebido no dia 09 de novembro de 2010.
Artigo aceito para publicação no dia 18 de fevereiro de 2011.